

MAID: A FICÇÃO DA VIDA REAL

Maid é uma série norte-americana, produzida pela Netflix, que aborda o tema da violência contra a mulher, baseada no livro e na história real de Stephanie Land, *Maid: Hard work, low pay, and a mother's will to survive*. A série tem como protagonista Alex, uma mulher de 25 anos, mãe de Maddy, de três anos, e namorada de Sean, com quem morava. Após sucessivos episódios de violência psicológica, ao terminarem uma discussão, com Sean dando um soco na parede, Alex e a filha saem de casa. Mãe e filha procuram o serviço de assistência social e são encaminhadas para um abrigo que acolhe mulheres em situação de violência. Mas até chegarem lá, Alex teve primeiro que reconhecer que aquilo que viveu na sua relação com Sean era uma violência, tendo em vista que não tinha marcas de agressões físicas pelo corpo:

Assistente social: Você fez boletim de ocorrência contra ele?

Alex: E dizer o quê? Que ele não me bateu?

[...]

Alex: Não quero tirar a vaga de alguém que sofreu uma agressão de verdade.

Assistente Social: “Agressão de verdade”, o que isso significa?

Alex: Espancada, machucada.

Assistente Social: E o que seria uma agressão de mentira? Intimidação, ameaça, controle?

No abrigo, após perder a guarda da filha para Sean, Alex se lamenta com outra mulher sobre seu arrependimento de ter saído de casa, de estar em um local que não precisava porque “ele era um bom pai para Maddy” e por estar longe da sua filha. Em resposta às queixas de Alex, Danielle diz para a colega: “socar a parede é uma agressão emocional. Antes de morder, ele late. Antes de bater em você, o soco é na parede”. O abrigo, na série, foi a representação de acolhimento que trouxe algum bem-estar para Alex. No local, ela recebeu orientações sobre seus direitos, programas do governo, comida, roupas e afeto. Além disso, participou de um grupo terapêutico e voltou para o abrigo mais de uma vez, como acontece com muitas mulheres em situação de violência. No Brasil também existem esses locais, ainda que em número reduzido, que atuam como um recurso para a proteção das mulheres, sobretudo quando não têm para onde ir ao saírem de suas casas.

Dando sequência à trama de *Maid*, Alex é filha única e sua mãe (Paula) tem transtorno bipolar não diagnosticado. Quando tinha cinco anos, Alex e a mãe fugiram para o Alasca, em razão das constantes agressões físicas e psicológicas do pai de Alex contra a mãe. Durante as brigas dos pais, Alex se escondia no armário da cozinha com medo de que o pai brigasse e batesse nela também. A mãe de Alex teve vários relacionamentos abusivos ao longo da vida, sofrendo violência psicológica e patrimonial por seus pares. O pai de Alex era alcoolista, estava casado e tinha outras duas filhas. Quanto à família de Sean, a mãe era ex-viciada e o pai alcoolista,

SCHEILA KRENKEL

*Familiare
Instituto Sistêmico,
Florianópolis/SC, Brasil*

e o rapaz começou a beber quando tinha nove anos porque, segundo ele, não aguentava apanhar do pai e ver o irmão mais novo passar fome. Sean reconhecia que precisava de ajuda para parar de beber e frequentava o grupo de Alcoólicos Anônimos. No tempo em que morou com Sean no trailer dele, Alex, que sonhava em ser escritora, não trabalhava, não tinha acesso ao dinheiro que estava no banco e os amigos que tinha eram os mesmos que os do namorado.

Depois de recuperar a guarda da filha, Alex começou a fazer faxinas e conseguiu auxílio do governo para creche e moradia, ainda que tenha passado por muitas, muitas dificuldades. Em determinado momento, por razões financeiras, Alex e Sean voltaram a morar juntos. Quando Sean descobre que Alex foi aceita na faculdade, o rapaz se enfurece e toma atitudes de controle e poder sobre ela, impossibilitando-a de ter alguma autonomia ou liberdade. A partir daí, vários episódios de violência psicológica voltam a acontecer, evidenciando o ciclo da violência.

Ao assistir a série — e também na vida real — o espectador poderá observar que a violência se apresenta sorrateiramente, por meio de desqualificações, cobranças, diminuição da autoestima, controle das atividades/ trabalho/ relações/ dinheiro, posse, como ilustra a fala de Sean: “você mora na *minha* casa, sai com os *meus* amigos, bebe a *minha* cerveja e come a *minha* comida”. Houve, ainda, objetos atirados contra o chão, socos na parede, isolamento social, privação da liberdade. Tudo isso sem causar um hematoma sequer, mas muitos traumas emocionais. Além disso, é muito comum a falta de reconhecimento das mulheres, e também de alguns(mas) profissionais, de que essas são situações de violência. Um avanço nesse sentido, no Brasil, foi a instituição da Lei 14.188/2021, que inclui no código penal a violência psicológica como crime.

Outro ponto mostrado na série é a repetição de um padrão intergeracional da violência, uma vez que tanto Alex quanto Sean vivenciaram essa situação nas suas famílias de origem. A série evidencia também a repetição do comportamento protetivo das mães em relação às suas filhas: Paula vai para o Alasca com Alex; Alex vai para o abrigo com Maddy. Mostra, ainda, a entrada e a saída no ciclo da violência, o qual, numa dimensão relacional, dificulta a reflexão sobre a situação e faz com que a mulher acabe se adaptando aos altos e baixos da relação violenta. Um dos desafios de Alex e outras mulheres em situação de violência é o rompimento desse ciclo, mas nossa protagonista tinha que lidar ainda com outra questão que a deixava paralisada: a lealdade à sua mãe.

Na prática profissional é preciso considerar a violência como um fenômeno multifacetado, multideterminado e complexo. A violência nunca é justificável, ainda que se observe um cenário social e cultural que tende a justificá-la: ele é assim porque bebe, porque o pai também era assim, porque a mulher provocou, porque ele está com problemas no trabalho, e assim por diante.

Profissionais que atendem situações de violência contra mulheres podem ajudá-las no reconhecimento dessas situações e também a identificar os tipos de violência sofrida (psicológica, física, patrimonial, sexual), bem como o significado da violência com base nas crenças sociais e culturais das mulheres, instrumentalizando-as/ fortalecendo-as para o enfrentamento da situação. É comum profissionais exigirem da mulher um posicionamento, sem levar em consideração que elas podem estar aprisionadas a um padrão relacional contraditório e com grande investimento afetivo.

A trama de *Maid* deixa algumas mensagens a serem refletidas na vida real: 1) violência psicológica também é violência; 2) crianças devem ser protegidas dos problemas dos adultos; 3) os envolvidos, mulheres e homens, precisam de ajuda; 4) a mulher pode amar seu companheiro, mas precisa amar mais a si mesma; 5) ao contrário do que se possa pensar, não, mulheres em situação de violência não estão sozinhas.

Ademais, famílias em situação de violência têm suas fronteiras enrijecidas pelo silêncio e pelo medo. Assim, trabalhar atendendo situações de violência exige sensibilidade e alguma afetividade do(a) profissional para, aos poucos, ir tocando em feridas que estão abertas e doloridas, colocando um bálsamo para iniciar o processo de cicatrização. Como um todo, a série *Maid* mexe com compreensões, crenças, significados, pré-conceitos e com o que há de mais íntimo e profundo: o sofrimento humano. E trabalhar com o sofrimento humano, em todas as suas dimensões, exige, acima de tudo, cuidado e respeito.

E como a história de Alex termina? Essa resposta o leitor terá ao assistir os 10 emocionantes e, por vezes, desconfortáveis episódios da série.

SCHEILA KRENKEL

É psicóloga clínica, atua no atendimento individual e familiar na abordagem sistêmica, é mestre, doutora e pós-doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Vínculo Institucional: Familiare Instituto Sistêmico, Florianópolis/SC.

<https://orcid.org/0000-0002-2976-7665>

E-mail: scheilakrenkel@gmail.com